



Henri Alleg foi, de 1950 a 1955, diretor do jornal Alger Républicain. Esse diário, o único na Argélia a abrir suas colunas a todas as tendências da opinião democrática e nacional argelina, foi proibido de circular em setembro de 1955.

A partir dessa data, Henri Alleg multiplica os esforços para que se suspenda essa interdição, reconhecida como ilegal pelo Tribunal Administrativo de Argel, o que não impediu as autoridades de se oporem ao retorno do jornal.

Em novembro de 1955, a fim de escapar à ordem de prisão que atinge a maioria dos colaboradores do jornal, Alleg é forçado a passar à clandestinidade.

Ele é detido em 12 de junho de 1957 pelos paraquedistas da 10^a DP, que o mantêm sequestrado em El-Biar, na periferia de Argel, durante um mês inteiro.^[1]

Este livro é o relato dessa detenção. Ele termina no momento em que Henri Alleg é transferido para o “centro de alojamento” de Lodi. (Sabe-se que há numerosos campos dessa natureza na Argélia: Bossuet, Paul-Cazelles, Berrouaghia, entre outros, onde são confinadas, por mera decisão administrativa, pessoas contra as quais nenhuma denúncia foi acolhida.)

Do campo, Alleg fez chegar à França uma cópia da denúncia depositada por ele junto ao procurador-geral de Argel no fim de julho: nela, acusa as torturas de que foi vítima. Essa denúncia obtém grande repercussão na imprensa francesa e internacional.

A partir desse momento, começam a circular em Argel os rumores mais inquietantes a respeito do “desaparecimento”, do “sequestro” e mesmo do “falecimento” de Alleg. E é apenas na esteira de uma grande campanha de imprensa que, em 17 de agosto — ou seja, dois meses após sua detenção —, Alleg é finalmente conduzido diante de um juiz de instrução. Desde então, está encarcerado na prisão civil de

Argel. Por volta de novembro, foi indiciado, como membro do Partido Comunista da Argélia, por atentado à segurança nacional e por envolvimento com associação proibida.

Por outro lado, ainda hoje, seis meses depois da abertura do inquérito ordenado pelo general Allard, a denúncia de Alleg encontra-se ainda hoje “em fase de instrução”.

Ora, Alleg foi confrontado com os oficiais e policiais que designara nominalmente como seus torturadores.

Ora, o juiz militar encarregado da instrução da denúncia procedeu, na companhia de Alleg, a uma visita aos locais, durante a qual Alleg foi capaz de descrever de memória, antes de adentrá-los, diversos espaços do edifício de El-Biar, em particular a cozinha, que não conheceria se, como querem dar a entender, o interrogatório tivesse se dado de modo “normal”.

Ora, consta da documentação um laudo médico detalhado, redigido por dois médicos igualmente internados em Lodi, que examinaram Alleg quando de sua chegada ao campo, em 12 de julho. Um mês após as torturas, ele ainda trazia, bem visíveis, as marcas das cordas nos punhos, as cicatrizes das queimaduras e outros traços mais.

Ora, são muitos os casos abertos na sequência de outras denúncias contra os mesmos oficiais.

Se Alleg e seu advogado pedem o indiciamento desses torturadores, eles o fazem não apenas para que atos intoleráveis sejam punidos, mas sobretudo para que não possam se renovar, contra terceiros, práticas tão revoltantes quanto essas.

*Ao atacar os franceses corruptos,
é a França que eu quero defender.*

Romain Rolland, *Jean-Christophe*

Nesta imensa prisão mais que lotada, em que cada cela abriga um sofrimento, falar de si mesmo é quase uma indecência. No andar térreo encontra-se a “divisão” dos condenados à morte. São oitenta, de tornozelos agrilhoados, a esperar o perdão ou o fim. E é segundo seu ritmo que todos vivemos. Não há prisioneiro que, à noite, não se revire no catre à ideia de que a alvorada pode ser sinistra, não há quem adormeça sem antes pedir com todas as forças que não aconteça nada. E, mesmo assim, é lá de baixo que sobem, todo dia, as canções proibidas, as canções magníficas que sempre vêm do coração dos povos que lutam por sua liberdade.

A tortura? Faz tempo que a palavra se tornou familiar para todos. Aqui são raros os que escaparam a ela. Quando chega um “novato” com quem conseguimos falar, as perguntas são, nesta ordem: “Preso há muito tempo? Torturaram? Polícia ou paraquedistas?”. Meu caso é excepcional pela repercussão que teve. Ele está longe de ser único. O que eu disse diante do tribunal, o que direi aqui, ilustra com um exemplo singular isso que é uma prática trivial nesta guerra atroz e sanguinolenta.

Faz agora mais de três meses que fui detido. Durante esse tempo, passei por tantos sofrimentos e tantas humilhações que não ousaria voltar a falar desses dias e noites de suplício se não soubesse que isso pode ser útil, que dar a conhecer a verdade também é uma maneira de contribuir para o cessar-fogo e para a paz. Por noites inteiras, durante todo um mês, ouvi os berros de homens torturados, e seus gritos ressoam para sempre na minha memória. Vi prisioneiros jogados a golpes de cassetete de um andar para outro e que, aturdidos pela tortura e pelas pancadas, já não sabiam fazer outra coisa senão murmurar em árabe as

primeiras palavras de uma antiga oração.

Mais tarde, soube de outras coisas mais. Fiquei sabendo do “desaparecimento” do meu amigo Maurice Audin, detido 24 horas antes de mim, torturado pela mesma equipe que, em seguida, “tratou” de mim. Desaparecido como o *cheikh* Tebessi, presidente da Associação dos Ulemás, o dr. Cherif Zahar e tantos outros. Em Lodi, encontrei meu amigo De Milly, funcionário do hospital psiquiátrico de Blida, também ele torturado pelos paraquedistas, mas segundo uma nova técnica: foi amarrado, nu, a uma cadeira de metal, pela qual passava uma corrente elétrica; até hoje, suas pernas estão marcadas a fundo pelas queimaduras. Nos corredores da prisão, reconheci um dos “novatos”, Mohamed Sefta, da justiça muçulmana de Argel, a Mahakma. “Quarenta e três dias com os paraquedistas. Me perdoe, ainda tenho dificuldade para falar: eles me queimaram a língua” — e então me mostrou a língua dilacerada. Vi outros mais: no interior do camburão que nos conduzia ao tribunal militar, um jovem comerciante da Casbá, Boualem Bahmed, me mostrou as longas cicatrizes que tinha nas panturrilhas. “Foram os paraquedistas, com uma faca: eu tinha dado abrigo a um FLN.”[2]

Do outro lado do muro, na ala reservada às mulheres, estão moças de que ninguém falou: Djamilia Bouhired, Élyette Loup, Nassima Hablal, Melika Khene, Lucie Coscas, Colette Grégoire e outras mais. Despidas, espancadas, insultadas por torturadores sádicos, também elas passaram pela água e pela eletricidade. Todo mundo aqui sabe do martírio de Annick Castel, que, estuprada por um paraquedista, julgava estar grávida e só pensava em morrer.

Todas essas coisas, eu as sei, eu as vi, eu as ouvi. Mas quem há de contar todo o resto?

É nos “desaparecidos” e naqueles que, firmes em sua causa, esperam a morte sem medo; naqueles que enfrentaram os carrascos e não os temeram; em todos aqueles que, diante do ódio e da tortura, reafirmam sua certeza numa paz próxima e na amizade entre os nossos povos — é neles que se deve pensar à

leitura do meu relato, pois esta poderia ser a história de cada um deles.

*image
not
available*

detido, pois eu sabia que era objeto de uma ordem de prisão. Eu me ocupava e ainda me ocupo dos interesses do meu jornal. Por essa razão, encontrei-me em Paris com os srs. Guy Mollet e Gérard Jacquet. Não tenho mais nada a lhes dizer. Não vou escrever nada, e não contem comigo para denunciar quem teve a coragem de me dar abrigo”.

Sempre sorridentes e seguros de si, os dois tenentes consultaram-se com os olhos.

“Acho que não vale a pena jogar nosso tempo fora”, disse Charbonnier. Érulin fez que sim. No fundo, eu era da mesma opinião: se devia ser torturado, que importava se seria agora ou depois? Em vez de esperar, mais valia enfrentar logo a parte mais dura.

Charbonnier falava ao telefone: “Preparem uma equipe, é para um ‘peixe grande’, e digam ao Lorca que é para subir”. Alguns instantes depois, Lorca entrava no salão. Vinte e cinco anos, baixinho, amorenado, nariz aquilino, cabelos engomados, testa curta. Aproximou-se de mim e disse, sorrindo: “Ah, então o cliente é ele? Venha comigo”. Passei à frente. Um andar abaixo, entrei num espaço estreito: a cozinha do futuro apartamento. Uma pia e uma bancada revestida de cerâmica, com uma coifa por cima, ainda sem os vidros. Ao fundo, uma futura porta-janela camuflada com pedaços de papelão que escureciam o lugar.

“Tire a roupa”, disse Lorca; e como eu não obedecesse: “Se não fizer, vai ser à força”.

Enquanto eu me despia, paraquedistas entravam e saíam ou paravam no corredor, querendo conhecer o “cliente” de Lorca. Um deles, um loirinho com sotaque parisiense, passou a cabeça pela moldura sem vidro da porta: “Vejam só, um francês! Preferiu passar para o lado dos ‘ratos’ contra a gente? Cuide bem dele, Lorca, olhe lá!”.

Enquanto isso, Lorca instalava sobre o chão uma prancha preta, porejada de umidade, manchada e pegajosa por conta do vômito de outros “clientes”.

*image
not
available*

Um pouco depois, o tenente tomou o lugar de Jacquet. Tinha soltado um fio de uma das pinças e o passeava por todo o meu peito. Meu corpo era sacudido por tremores nervosos cada vez mais violentos, e a sessão se alongava. Tinham borrifado água por cima de mim a fim de reforçar a intensidade da corrente, e, entre duas “lambadas”, eu tremia também por causa do frio. Ao meu redor, sentados nos sacos de campanha, Charbonnier e seus amigos tomavam uma garrafa de cerveja atrás da outra. Eu mordia a mordaza para tentar escapar da cãibra que me retorcia o corpo. Em vão.

Finalmente pararam. “Podem soltar esse aí!” A primeira “sessão” tinha terminado.

Eu me levantei, hesitante, e vesti de novo as calças e o paletó. Érulín estava à minha frente. Minha gravata estava em cima da mesa. Ele a pegou, amarrou-a como uma corda ao redor do meu pescoço e, sob riso geral, me puxou como quem puxa um cachorro até o escritório contíguo.

“Quer dizer então que não bastou? Não vamos largar você. De joelhos!” Com as manzorras, ele me esbofeteava com vontade. Caí de joelhos, mas era incapaz de me manter reto. Oscilava ora à esquerda, ora à direita: quando não me derrubavam por terra, os golpes de Érulín restabeleciam o equilíbrio. “Então não quer falar? Você está fodido, está escutando? Você já está morto!”

“Tragam o Audin”, disse Charbonnier, “ele está no outro prédio.” Érulín continuava a me espancar, enquanto o outro, sentado sobre a mesa, assistia ao espetáculo. Fazia tempo que meus óculos tinham ido pelos ares. Minha miopia reforçava ainda mais a impressão de irrealidade, de pesadelo, impressão contra a qual eu tentava lutar, temendo que minha força de vontade fraquejasse.

— Vamos, Audin, conte para ele o que o espera! Quem sabe assim ele evita o horror de ontem à noite!

Era Charbonnier que falava. Érulín ergueu minha cabeça. Olhei para cima e vi o rosto pálido e estuporado do meu amigo

*image
not
available*

dedos tocavam o chão. Por alguns instantes, brincaram de me balançar de um lado para outro, feito um saco de areia. Vi que Lorca acendia uma tocha de papel à altura dos meus olhos. Ele se levantou e logo senti a chama que tocava meu sexo e minhas pernas, cujos pelos se inflamavam e crepitavam. Eu me contraí com tanta força que me choquei contra Lorca. Ele recomeçou uma vez, duas vezes, e então se pôs a queimar um dos mamilos.

Mas eu já não reagia muito, e os oficiais se distanciaram. Restaram apenas Lorca e um outro ao meu lado. De tanto em tanto, eles se punham de novo a me espancar ou, senão, esmagavam meus dedos com a ponta das botas, como para me recordar que continuavam ali. De olhos abertos, eu me esforçava para vigiá-los, a fim de não ser surpreendido pelos golpes, e, nos intervalos, tentava pensar em outra coisa que não fossem meus tornozelos talhados pela corda.

Enfim, vindas do corredor, duas botas caminharam na direção do meu rosto. Vi o rosto invertido de Charbonnier, que, de cócoras, me fitava: “Então, vai falar? Não mudou de ideia?”. Olhei para ele e não disse nada. “Podem soltar.” Lorca liberou a corda que me prendia à barra, enquanto o outro me puxava pelos braços. Caí em cima do cimento. “Levante!” Não consegui me levantar sozinho. Sustentado dos dois lados, sentia a planta dos pés tão inchada que tinha a impressão de que meus pés se afundavam numa nuvem. Vesti de novo meu paletó e minhas calças e descí por uma escada aos trambolhões.

Ao pé da escada, outro paraquedista me levantou e me segurou contra a parede com as duas mãos. Eu tremia de frio, de esgotamento nervoso, meus dentes batiam. O companheiro de Lorca — o mesmo que tinha “tratado” de mim na cozinha — tinha chegado ao andar. “Ande!”, ele me disse. Me deu um empurrão e, com uma rasteira, me derrubou no chão. “Não está vendo que ele está grogue?”, disse o outro, com um sotaque da França. “Deixe o sujeito em paz!” Eram as primeiras palavras humanas que eu ouvia ali. “A gente tinha é que acabar logo com esses caras, isso sim!”, respondeu o meu torturador. Minhas

*image
not
available*

geométricos luminosos, e eu tinha a sensação de que meus olhos eram arrancados das órbitas aos repelões, como que empurrados de dentro. A corrente chegara ao limite máximo e, com ela, também a minha dor. Ela parecia como que uniforme, e pensei que eles não teriam como me fazer nada de pior. Então ouvi Érulín dizer a quem acionava o magneto: “Um soquinho atrás do outro: primeiro você diminui, depois você aumenta...”. Senti a intensidade diminuir, a cãibra que enrijecia meu corpo amainou, e de repente, quando o outro pôs o magneto no máximo, a corrente esquartejou meu corpo de novo. Para escapar a essas quedas bruscas e a essas voltas agudas ao ápice do suplício, comecei a bater com a cabeça contra o chão, com toda a força que tinha, e cada golpe me proporcionava um alívio. Érulín, bem perto da minha orelha, gritava: “Não tente desmaiar, que você não vai conseguir!”.

Por fim, eles pararam. Diante dos meus olhos ainda se agitavam os traços e os pontos de luz, e em minha orelha ressoava o barulho de uma broca de dentista.

Um instante depois, eu os distingui em pé, diante de mim. “E então?”, perguntou Charbonnier. Não respondi nada.

— Meu Deus! — disse Érulín. E me deu uma bofetada com a mão solta.

— Escute — disse Charbonnier, mais calmo —, para que tudo isso? Você não quer dizer nada, então vamos atrás da sua mulher. Você acha que ela aguenta?

Por sua vez, Érulín inclinou-se para mim:

— Você acha que os seus moleques estão a salvo só porque estão na França? A gente traz todo mundo para cá na hora que quiser.

Em meio a esse pesadelo, eu tinha dificuldade para distinguir as chantagens gratuitas das ameaças que era preciso levar a sério. Mas sabia que eram capazes de torturar Gilberte, como tinham feito com Gabrielle Gimenez, Blanche Moine, Élyette Loup e outras moças. Soube mais tarde que tinham torturado até mesmo a sra. Touri, mulher de um ator bem conhecido da Rádio Argel, diante do marido, para que este falasse. Temia que eles

*image
not
available*

martelavam a cabeça desde o início. Entre outras coisas, ele me perguntava se muitos jornais eram membros da Federação da Imprensa. Eu lhe teria respondido, certamente, mas só com muito esforço conseguia mexer meus lábios secos e endurecidos; da minha garganta saía apenas um sopro sem som. Penosamente, eu tentava articular alguns títulos, enquanto ele emendava, como se a nova questão decorresse das anteriores: “E Audin, é um bom camarada, não é?”. Foi como um sinal de alerta: compreendi que, pouco a pouco, quase insensivelmente, ele queria me fazer falar do que lhe interessava. Em meio ao abatimento em que me haviam mergulhado as torturas e os espancamentos, uma única ideia seguia clara para mim: não lhes dizer nada, não ajudá-los em nada. Não abri mais a boca.

Na mesma hora, Devis perdeu a calma: levantou-se e começou a me bater no rosto com as duas mãos. Minha cabeça oscilava de um lado para outro, ao ritmo das bofetadas, mas eu estava completamente insensível, a tal ponto que nem fechava mais os olhos quando as mãos dele se abatiam sobre mim. Parou um instante para mandar que trouxessem água. “Já tentamos, meu capitão”, disse Érulin. Mesmo assim, Devis pegou o cantil e o copo que lhe estendiam. À maneira do tenente, logo antes, ele se pôs a verter água de um recipiente para outro, bem à altura dos meus olhos, levou o copo até meus lábios sem me deixar tocar a água e então, desanimado pela minha falta de reação, pois eu não fazia nenhum esforço para beber, pôs o copo no chão. Eu caí para o lado. Com a queda, derrubei o copo. “Tem que secar direito”, disse Érulin, “se não ele lambe.”

Como Devis se afastasse, Érulin assumiu e, com sua voz aguda, começou a berrar, inclinado sobre mim: “Você está fodido. É a sua última chance. É a última. É por isso que o capitão veio”. Outro paraquedista, que entrara com Lorca, sentou-se no chão, com as pernas cruzadas. Tinha tirado a pistola do coldre e, silencioso, examinava-a ostensivamente, para verificar se tudo estava no lugar, para então depositá-la sobre os joelhos, como quem espera uma ordem. Lorca tinha me “ligado” de novo e acionava o magneto aos solavancos, mas sem

*image
not
available*

chamados, volta e meia atravessado pela voz esganiçada de Érulín, que dava ordens. E então, bruscamente, ouvi gritos terríveis, bem perto, talvez na sala logo em frente. Estavam torturando alguém. Uma mulher. E julguei reconhecer a voz de Gilberte. Só pude saber que estava equivocado alguns dias mais tarde.

Continuaram com as torturas até o amanhecer ou quase isso. Através do tapume, eu escutava os berros e os gemidos abafados pela mordaça, os palavrões e os golpes. Logo saberia que aquela não era uma noite excepcional, apenas a rotina da casa. Os gritos de dor faziam parte dos barulhos familiares no “centro de triagem”, os paraquedistas já nem faziam caso, mas duvido que haja um único prisioneiro que não tenha, como eu, chorado de raiva e de humilhação ao ouvir pela primeira vez os gritos dos supliciados.

Eu estava semiconsciente. Só consegui adormecer de verdade pela manhã, e só despertei muito tarde, quando o paraquedista da véspera me trouxe uma sopa quente: minha primeira refeição desde quarta-feira. Engoli com dificuldade algumas colheradas: meus lábios, minha língua, meu palato ainda estavam irritados com as esfoladuras dos fios elétricos. Outras feridas e queimaduras — na virilha, no peito, nos dedos — tinham infeccionado. O paraquedista tirou as algemas, e então percebi que não conseguia mexer a mão esquerda, hirta e insensível. Meu ombro direito estava dolorido e não permitia que eu levantasse o braço.

Foi à tarde que tornei a ver meus carrascos. Eles pareciam ter combinado um encontro na minha cela. Estavam todos ali: soldados, oficiais e dois civis (provavelmente da DST^[6]) que eu não vira antes. Começaram a conversar entre eles, como se eu não estivesse presente.

— Então, ele não quer falar? — disse um dos civis.

— Temos todo o tempo do mundo — disse o comandante —, eles são todos assim no começo: vamos precisar de um mês, dois